

Sepultamento de Caravaggio: pelas lentes de Panofsky

Lívia Santos de Morais¹

Na Idade Média, os artistas não tinham o reconhecimento e a Arte não tinha autonomia sendo vista como artesanal, mecânica e servil. Em 1568, isso começou a se modificar com Giorgio Vasari que mudou o status do artista ao escrever biógrafias de artistas da Renascença. Ao longo do tempo, alguns nomes contribuíram para essa contínua modificação como Winckelmann, Konrad Fiedler, Adolf Hildebrand, Hans von Marées, Aloïs Riegl, Heinrich Wölfflin, Henry Focillon. Já a partir da metade do século XIX, na Alemanha, o Instituto Warburg, que teve como representantes Aby Warburg, Erwin Panofsky, Fritz Saxl, Ernst Cassirer e Susanne Langer e no início do século XX, a Escola de Viena, foram pioneiros no estudo da história da arte como disciplina autônoma.

Panofsky escreveu em 1955 o livro *Significado nas Artes Visuais* e, segundo ele, a experiência recreativa de uma obra de arte depende da sensibilidade natural, preparo visual e da bagagem cultural. Ele criou uma metodologia de análise de obras de arte que consiste em: tema primário ou natural, secundário ou convencional e o significado intrínseco ou conteúdo.

O tema primário é a descrição pré-iconográfica em que podemos encontrar os motivos artísticos, a descrição fenomênica e o conhecimento do estilo. É composto das seguintes características: linhas, cor, identificação de suas relações mútuas como acontecimento, percepção de algumas qualidades expressionais, representativos de objetos naturais, etc.

O tema secundário é a iconografia, a teoria dos tipos, o reconhecimento da obra, sua identificação e a definição dos significados. É quando o estudioso consegue captar os motivos artísticos, somando a combinações de motivos artísticos e conectar aos assuntos e aos conceitos. Os motivos portadores de um significado, são também chamados de imagens, estórias e alegorias. Segundo Panofsky, a identificação de tais imagens, estórias

¹ Vínculo Institucional (Programa de pós-graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Mestrado em Artes, Companhia Docas do Espírito Santo).

e alegorias é o domínio daquilo que é normalmente conhecido por iconografia, ou seja, é a descrição e classificação das imagens.

Por fim, o significado intrínseco é quando o historiador de arte consegue captar os símbolos por de trás da obra, sua interpretação, a iconologia. Esta, baseada em um profundo conhecimento histórico dos objetos a analisar. É a descrição do significado enquanto documento, sentido essencial.

O objetivo desse ensaio visual é o de apresentar a inovação do pintor italiano Caravaggio, nascido em 1571, com a tela Sepultamento (300 x 203 cm), atribuída ao ano de 1602. Para isso será aplicado o método de Panofsky. Caravaggio é considerado o introdutor do Realismo, identificado como artista barroco. Suas obras mostram independência em relação à representação católica tradicional e causaram escândalo. Preferia escolher por entre o povo, modelos humanos tais como prostitutas, crianças de ruas e mendigos, que posavam como personagem sem qualquer receio de representar a feiura, a deformidade em cenas provocadoras, características essas que distingue as suas obras das demais.

No tema primário, chegamos às seguintes características em relação à tela Sepultamento de Caravaggio, noções de escuridão e mistério. O foco da tela está no homem sem vida no centro, já que está iluminado com o uso do claro-escuro. Os personagens estão tristes, existe a noção de movimento diagonal de súplica (mulher em súplica até a planta) e uma tensão dramática. Duas personagens femininas estão com os cabelos soltos e apresentam uma beleza camponesa, apresentando cansaço. A figura central feminina dá a noção de santidade. O senhor de pés descalços denota simplicidade. Os músculos tensionados e relaxados, rugas, veias, suor, pêlos, sombra se observam na tela de Caravaggio. As cores foram pensadas como o vermelho/laranja que transmitem calor e adrenalina e o azul/verde que transmite frieza, a algo sombrio.

No tema secundário, foi necessário o estudo de quatro evangelhos do Novo Testamento. Os personagens pintados eram, segundo o Evangelho de João, Maria Madalena, Maria de

Cleópas, Maria, João Evangelista, Nicodemos ou José de Arimatéia e Jesus. O assunto do quadro era o enterro de Cristo devido a alguns símbolos como o manto vermelho, o lençol branco, a pedra, as chagas, o próprio título da obra, a figura da mãe de Jesus. Além desse estudo, foi necessária uma pesquisa na História da Arte em busca dos artistas que pintaram a mesma cena antes e depois de Caravaggio para poder assim captar a essência desse artista. O objetivo de apresentar as obras anteriores e posteriores a Caravaggio é o de retratar a sua inovação. Esta obra de Caravaggio introduziu a inovação do Realismo e destacou-se, pois esse artista personificara os personagens evitando representações clássicas e, assim, criando o seu próprio estilo.

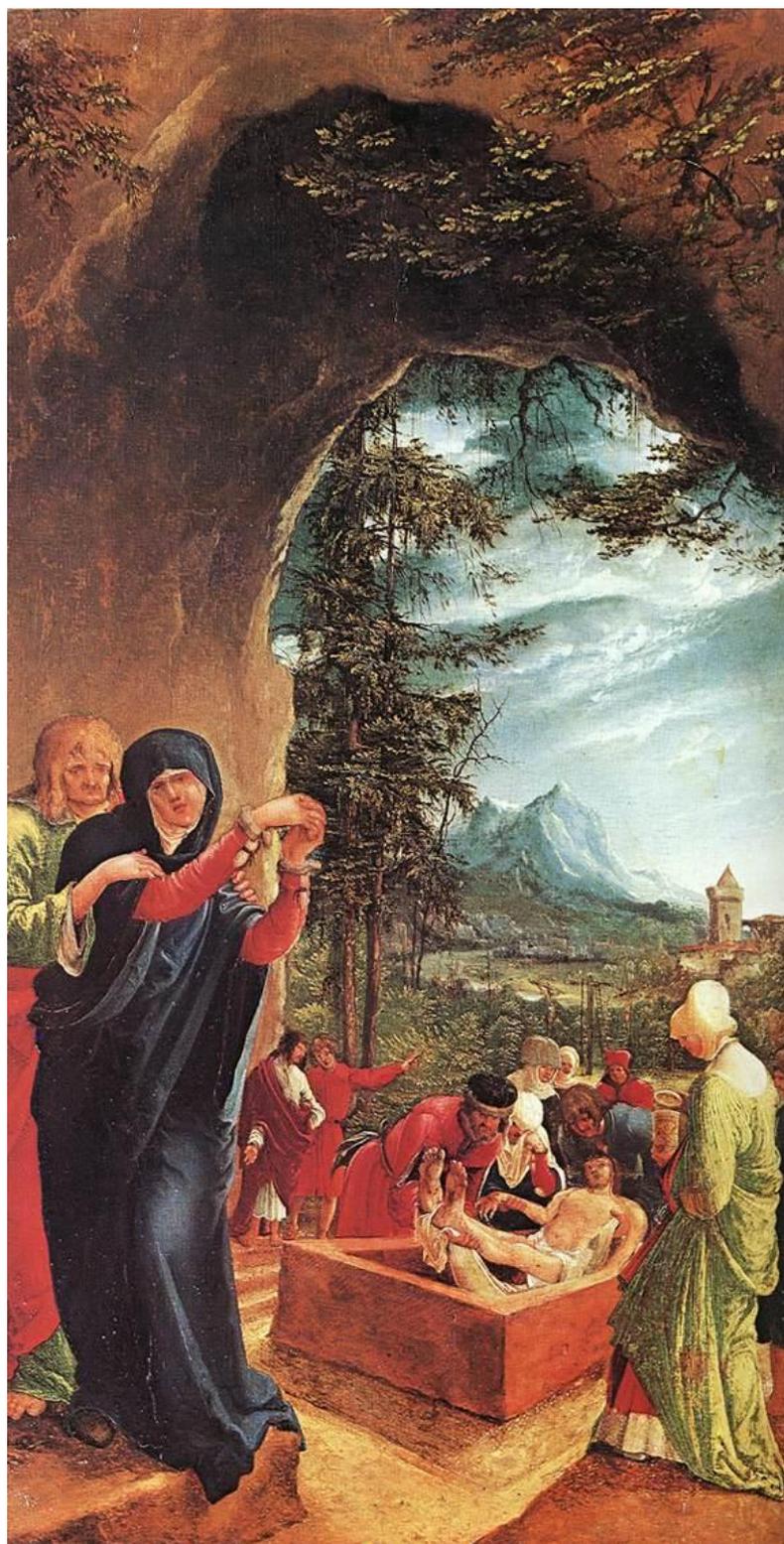
Finalmente, na fase do significado intrínseco, conseguiu-se captar os seguintes símbolos na tela. A pedra cinzenta é o símbolo da igreja, a base dos valores. O dedo de Cristo é a representação do poder temporal e espiritual. O manto branco é a paz, inocência e pureza de Jesus. A planta passa noções de juventude, esperança e da ressurreição. Os personagens aproximaram-se o mais possível da realidade dos pescadores pobres e pessoas do povo. O hábito de Maria transmite as características de lealdade, sutileza, espírito, santidade e virgindade. A túnica vermelha simboliza que Jesus era considerado rei na terra já que esse tipo de vestimenta, no Império Romano, pertencia à elite romana. O verde da roupa de João denota juventude, vigor e masculinidade. O castanho da vestimenta do Nicodemos ou José de Arimatéia passa sentimentos de responsabilidade, simplicidade e conforto. Como a tela de Caravaggio foi pintada sob forte influência da Igreja Católica, provavelmente a mesma foi encomendada por essa instituição. Isso pode ser deduzido pela presença dos símbolos abordados acima.



Caravaggio, *The Entombment of Christ*, 1602.



Rafael, *Entombment*, 1508.



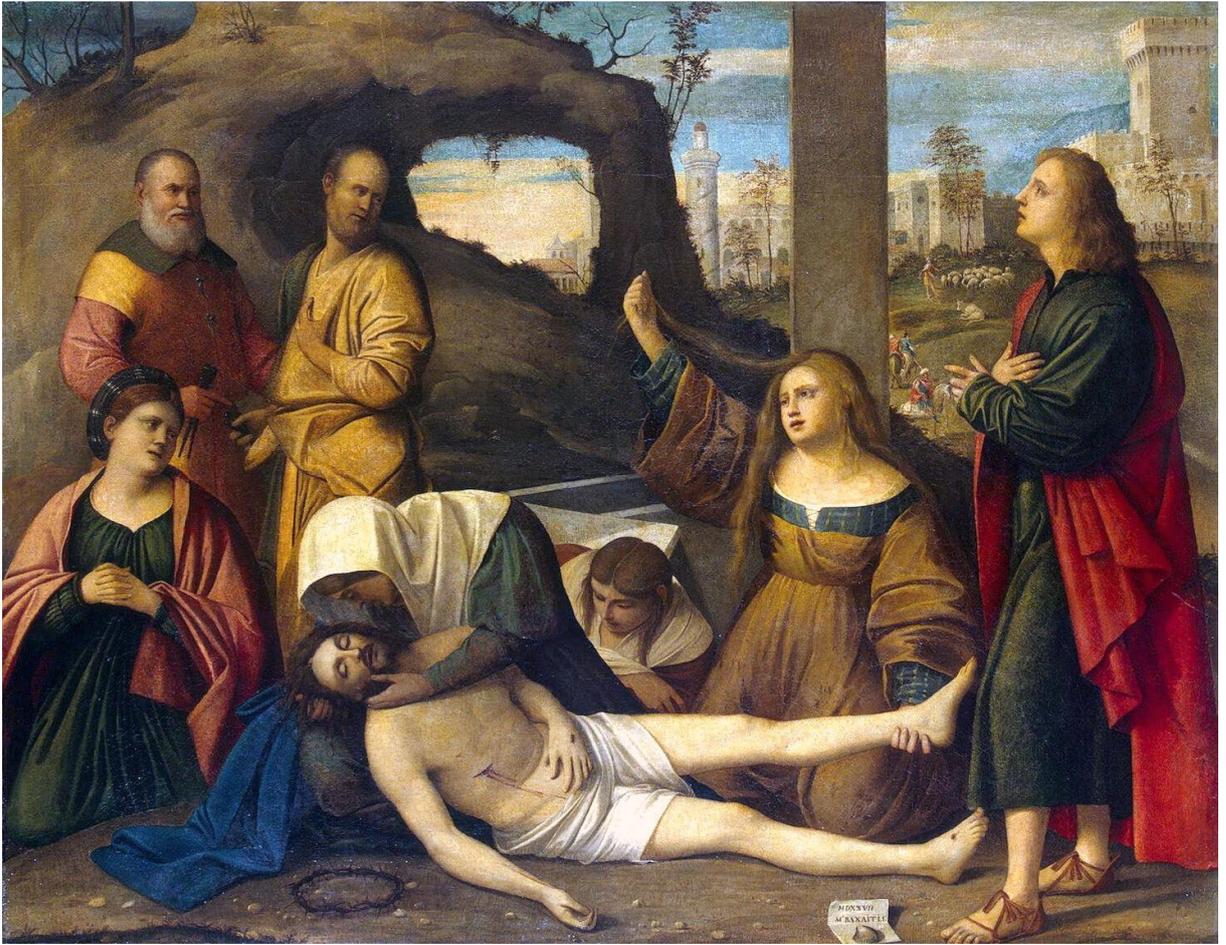
Aldorfer Albrecht, *Entombment* , 1516.



Bartolomeo, *Deposition*, 1516.



Polidoro de Caravaggio, *Deposition*, 1527.



Basaiti Marco, *The Lamentation*, 1527.



Rosso Fiorentino, *Pietà*, de 1537 a 1540.



Ludovico Carracci, *The Lamentation*, 1582.



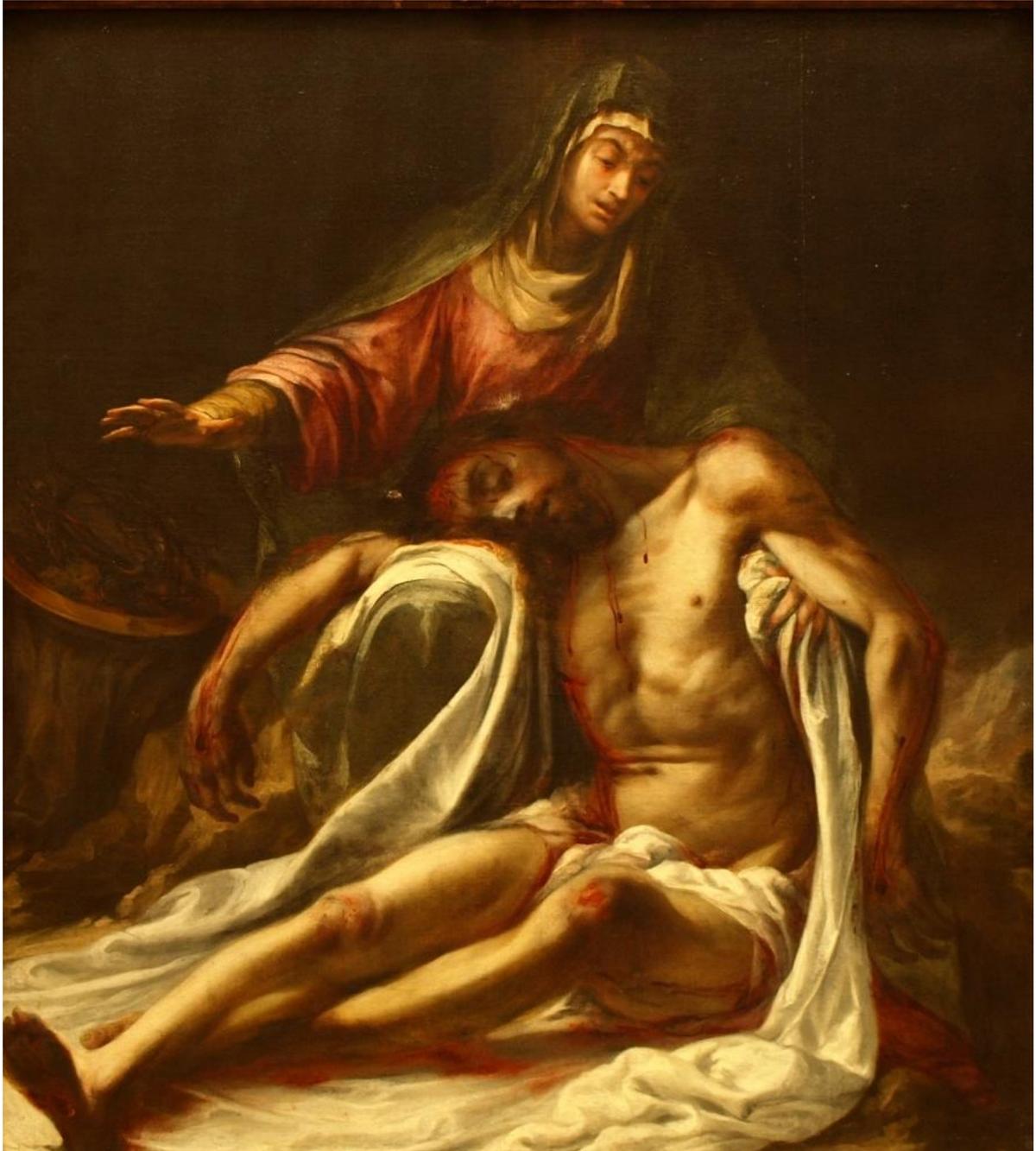
Peterzano Simone, *Entombent*, 1583.



Stefano Pieri, *Pietà*, 1587.



Pulzone Scipione, *The Lamentation*, 1593.



Juan de Valdés Leal, *Pietá*, 1657–60.